



ECONOMIA

Por **FABIANO BELLATI**

Fabiano Bellati é comentarista de Economia e Política Internacional, Mestre em Relações internacionais e Estudos Europeus pela Universidade de Évora em Portugal, Mestre em Administração de Empresas pelo Unisal, escritor e consultor. Como professor Universitário passou pelas principais universidades brasileiras nas áreas de gestão, economia e marketing.

Fuga de Capital no Brasil Eleva Dólar e Fragiliza Economia

Nos últimos dois anos, o Brasil tem presenciado uma significativa fuga de capitais, resultando em consequências expressivas para diversos setores econômicos. Dados divulgados pelo Banco Central revelam que, ao longo de 2024, o país registrou uma saída líquida de US\$ 45 bilhões em investimentos estrangeiros, superando o montante de US\$ 29 bilhões observado em 2023. Essa retirada maciça de recursos provocou uma pressão contínua sobre o câmbio, contribuindo diretamente para a desvalorização do real, que acumulou uma perda de aproximadamente 17% frente ao dólar norte-americano durante o período. A volatilidade cambial encareceu importações e intensificou a inflação, afetando o poder de compra da população e pressionando a política monetária.

Simultaneamente, o crescimento da dívida externa do Brasil foi expressivo, aumentando 12% e alcançando cerca de US\$ 624 bilhões em 2023, conforme apontado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Em contrapartida, a dívida interna seguiu a mesma trajetória de alta, atingindo 74,4% do PIB até setembro do mesmo ano, de acordo com informações do Banco Central. O endividamento elevado reflete o esforço do governo em financiar programas sociais e investimentos públicos, mas também evidencia a fragilidade fiscal e a necessidade de reformas estruturais para controlar o déficit público.

As agências de classificação de risco, como a Fitch Ratings e a Moody's, reagiram negativamente ao cenário econômico brasileiro, rebaixando a perspectiva do país de "estável" para "negativa" no final de 2023. Esse rebaixamento reflete as crescentes preocupações sobre a falta de avanços em reformas estruturais essenciais e o agravamento do quadro fiscal. Um estudo recente da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revelou que 64% dos investidores estrangeiros demonstram desconfiança quanto à capacidade do governo brasileiro de estabilizar as contas públicas nos próximos três anos, o que impacta diretamente a atratividade do Brasil como destino de investimentos.

A conjuntura política interna e o cenário geopolítico internacional também desempenham

um papel crucial na instabilidade econômica. A troca de administração nos Estados Unidos e o desalinhamento ideológico entre os governos brasileiro e norte-americano têm prejudicado negociações bilaterais e parcerias comerciais estratégicas. Na América do Sul, a crise política na Venezuela se intensifica com o enfraquecimento de Nicolás Maduro, enquanto pressões do governo Trump por uma transição democrática ampliam a tensão regional. Em território nacional,

Paralelamente, o número de pedidos de falência aumentou 9% durante o ano, com o varejo e a construção civil figurando entre os setores mais afetados. Esse cenário reflete a desaceleração econômica interna e o aumento dos custos operacionais, impulsionados por juros elevados e retração da demanda.

Diante desse contexto desafiador, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal emergiram como pilares fundamentais para sustentar a oferta de crédito no

suficiente para evitar a contínua depreciação do real e a elevação do risco-país.

Para reverter essa trajetória e restaurar a confiança dos investidores, o Brasil precisa adotar uma abordagem multifacetada, focada em medidas fiscais, reformas estruturais e estímulos ao crescimento econômico sustentável. A implementação de uma gestão fiscal mais rigorosa é essencial para controlar o aumento da dívida pública, que tem crescido em um ritmo preocupante. O

chamado "Custo Brasil". Reformas como a unificação de tributos, a criação do Imposto sobre Valor Agregado (IVA) e a eliminação de distorções fiscais poderão fomentar um ambiente de negócios mais favorável e previsível para empresas nacionais e internacionais.

Outra frente importante envolve o investimento em infraestrutura e inovação. A modernização da infraestrutura logística, com foco em rodovias, ferrovias e portos, é vital para aumentar a competitividade dos produtos brasileiros no mercado global. Paralelamente, o estímulo à digitalização e à transição energética pode posicionar o Brasil como um líder em setores emergentes, como energia renovável e agronegócio sustentável. Esses investimentos não apenas impulsionam o crescimento econômico, mas também criam empregos e diversificam a matriz produtiva do país.

A confiança dos investidores também depende de um ambiente político estável e de uma maior segurança jurídica. O fortalecimento das instituições democráticas, a transparência nas contas públicas e o combate à corrupção são fatores fundamentais para assegurar que o Brasil seja visto como um destino seguro para capitais estrangeiros. Medidas que reforcem o cumprimento de contratos e a previsibilidade nas políticas econômicas reduzem o risco percebido pelos investidores e contribuem para a valorização da moeda nacional.

A ausência dessas medidas coloca o país em uma trajetória semelhante à de vizinhos como Argentina e Venezuela, que enfrentaram crises cambiais e fuga de capitais devido à instabilidade macroeconômica. Sem reformas, o Brasil corre o risco de ver a inflação aumentar, a moeda desvalorizar-se ainda mais e a confiança dos investidores se deteriorar, dificultando a retomada do crescimento.

Portanto, uma abordagem integrada, que combine rigor fiscal, reformas estruturais, investimentos estratégicos e estabilidade institucional, é essencial para reverter o cenário atual. Com isso, o Brasil poderá restaurar a confiança no mercado internacional, fortalecer sua economia e assegurar um crescimento sustentável no longo prazo.



a abertura de processos de impeachment contra o presidente Lula reflete a crescente polarização política, alimentando o clima de incerteza e afastando investidores.

No mercado financeiro, os reflexos dessa instabilidade são evidentes. A bolsa de valores brasileira (B3) amargou uma perda acumulada de aproximadamente R\$ 370 bilhões em valor de mercado entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024. As ações de grandes empresas, como Vale e Petrobras, registraram quedas expressivas, impactando diretamente setores industriais e de

país. A carteira de crédito da Caixa apresentou um crescimento de 11,4% em 2023, totalizando R\$ 1,091 trilhão, enquanto o Banco do Brasil registrou uma expansão de 10%, alcançando R\$ 1,066 trilhão. Mesmo com a elevação das taxas de juros, essas instituições mantiveram suas linhas de crédito ativas, em especial para os setores de habitação e agronegócio. Em contrapartida, bancos privados reduziram suas concessões, priorizando o controle de riscos. Essa atuação das instituições públicas ajudou a amortecer parte do impacto da fuga de capitais na economia doméstica, mas não foi

fortalecimento do arcabouço fiscal, com a revisão de gastos obrigatórios e a promoção de uma disciplina orçamentária mais eficiente, permitirá ao governo reduzir o déficit primário e estabilizar a dívida como proporção do PIB.

Além disso, a necessidade de reformas tributárias se destaca como um dos principais pilares para impulsionar a previsibilidade econômica e atrair investimentos de longo prazo. A simplificação do sistema tributário brasileiro, conhecido por sua complexidade e alta carga fiscal, contribuirá para a redução do